

---

## *Machado de Assis: a história através da ficção*

*Machado de Assis: history through fiction*

***Carla Daiane da Silva\****  
***Márcia Vanessa Nunes\*\****

---

**Resumo:** O presente artigo procura discutir as relações entre história e literatura, presentes nas obras de Machado de Assis. Para tanto, são analisadas as crônicas “Progresso”, “Bondes elétricos” e “Direitos dos burros”, assim como o conto “Pai contra mãe” e o romance *Dom Casmurro*. Inicialmente, são discutidas as ideias de autores como Pesavento, Saraiva e Candido sobre as aproximações e os distanciamentos entre o texto literário e a questão histórica, bem como as possibilidades de estudo da história através da literatura. Num segundo momento, esta pesquisa propõe-se a contextualizar os momentos políticos e sociais da história brasileira representados em tais obras. Por fim, procura-se analisar o fato de que a história é uma constante nas obras de Machado de Assis, uma vez que o autor estabelece relações entre o real e o ficcional,

**Abstract:** This paper discusses the relationship between History and Literature as presented in the works of Machado de Assis. The chronicles Progresso, Bondes Elétricos and Direitos dos Burros are analyzed, as well as the short story Pai Contra Mãe and the novel Dom Casmurro. The ideas of Sandra Pesavento, Juracy Assman Saraiva and Antônio Cândido about approaches and distances between the literary text and the historical questions, as well as about the possibilities of the study of History through Literature, are discussed. Then, political and social movements in Brazilian history are contextualized in the works analyzed. At last, the paper points to the fact that History is constantly present in the work of Machado de Assis, since the author manages to establish a relationship between reality and fiction by critically approaching the historical

---

\* Aluna do curso de *Especialização em Literatura Brasileira do Século XX* da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e licenciada em Letras – Português/Espanhol pela mesma universidade.

\*\* Aluna do curso de *Especialização em História, Comunicação e Memória do Brasil Contemporâneo* do Centro Universitário Feevale e licenciada em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

abordando o presente histórico da organização social brasileira e os seus eventos mais relevantes de maneira crítica.

present of Brazilian society and its most relevant events.

**Palavras-chave:** História. Literatura. Romance. Machado de Assis.

**Keywords:** History. Literature. Machado de Assis.

---

A historiografia, na contemporaneidade, tem sido alvo de grandes mudanças e tem buscado novos campos, novos objetos de análise. A história tem se voltado para uma gama de novos questionamentos, conseguindo aplicar outros olhares sobre esses, inclusive, sobre aqueles que já foram alvo de estudos, constituindo-se, assim, em um movimento que visa a reinterpretar e reescrever os fatos importantes da humanidade.

Essa transformação na maneira de pensar a história surgiu com a *Escola dos Annales*, que foi um movimento intelectual ocorrido na França, a partir de 1929, iniciado com a publicação da *Revista Annales: économies, sociétés, civilisations*, fundada por Lucien Febvre e Marc Bolch. Com esse movimento, surge a interdisciplinaridade de saberes, como a antropologia e a sociologia, fazendo com que a história amplie seu campo de estudos, possibilitando, assim, novas abordagens, novas pesquisas e múltiplos olhares.

No entanto, é somente com a terceira geração da *Escola dos Annales* que a história se aproxima efetivamente das questões culturais, antropológicas e cotidianas, ou seja, a partir daí, existe uma efetivação da história cultural, que amplia seu leque de atuação, assim como estreita sua ligação com outros saberes e, em especial, com a literatura.

Com a história cultural as relações entre o discurso histórico e o discurso literário (ou ficcional) se tornam bastante próximas, pois essas dialogam entre si. São discursos de linguagens que buscam representar o mundo, dando sentido, significado a ele, tornando-o real. Assim, conforme Silva;

na perspectiva de que a História e a Literatura são construções de sentido acerca da realidade e por isso estão próximas, vemos a noção de narrativa e de trama. A Literatura e a História, por caminhos e propostas metodológicas diferentes, produzem suas narrativas, constroem seus

enredos e tornam inteligíveis suas percepções de mundo. Nessa direção, a trama perpassa as duas formas de representação da realidade. O conjunto de artifícios da linguagem, decodificados pela escrita, busca uma relação com o exterior que sua interioridade textual pretende abarcar e cristalizar na narrativa.<sup>1</sup>

Desse modo, a história, assim como a literatura, é considerada uma narrativa. No entanto, a narrativa histórica se faz através de um discurso representativo que busca trazer à tona a realidade dos fatos. Silva alerta que é necessário

enxergar a afinidade da História com a Literatura, à medida que constroem suas narrativas de maneira dissociada de uma mimesis da realidade. A Literatura e a História como formas de ver o mundo, gestos de leitura, gestos de interpretação e, por fim, gestos de escritura das significações que damos ao mundo em nossa volta.<sup>2</sup>

Pesavento<sup>3</sup> traz a ideia de que, apesar de a história e a literatura oferecerem papéis diversos na construção da identidade, ambas são representações do mundo social. Assim, para a autora, o que se deve entender, então, é o conceito de representação, que torna possível esse novo olhar sobre as fontes, em particular a literatura como mais uma fonte histórica. Para Pesavento

a ficção não seria [...] o avesso do real, mas uma outra forma de captá-la, onde os limites da criação e fantasia são mais amplos do que aqueles permitidos ao historiador [...]. Para o historiador, a literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ler nela é a representação que ela comporta [...] o que nela se resgata é a re-apresentação do mundo que comporta a forma narrativa.<sup>4</sup>

Saraiva<sup>5</sup> destaca que “o olhar sobre a realidade por meio do espelho da literatura [...] dá uma visão mais abrangente e mais crítica de suas próprias circunstâncias” (p. 33), o que evidencia que a literatura traz, nas suas entrelinhas, um contexto histórico representado pelo momento presente, ou seja, a literatura traz consigo o olhar do escritor que vive o momento e, portanto, tem diferentes ideias acerca dele.

Já para Candido,<sup>6</sup> a literatura brasileira procura demarcar seus momentos decisivos, “como síntese de tendências universalistas e particularistas”. (p. 23). Para ele, entre o primeiro momento (mais

cosmopolita) e o segundo (que busca peculiaridades locais), existe um movimento de continuidade e ruptura, porém, com o mesmo objetivo, qual seja, o de criar uma literatura brasileira e de construir uma nação.

Ao demarcar os momentos decisivos, Candido procura distinguir “*manifestações literárias, de literatura propriamente dita*, considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns”. (Grifo do autor). Esses denominadores comuns, segundo o autor

são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, fornecendo os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos) que liga uns a outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece, sob este ângulo como sistema simbólico.<sup>7</sup>

Além disso, Candido<sup>8</sup> destaca que a literatura brasileira passou por diversas etapas de concretização, chegando até os “tributários do nacionalismo”, ou seja, os intelectuais românticos que criaram as bases da literatura brasileira, que deveria estar empenhada na “construção da nação” e, portanto, esses deveriam “considerar a atividade literária como parte do esforço de construção do país livre”. (p. 26). Esses críticos formaram “a literatura do Brasil como expressão da realidade local e, ao mesmo tempo, elemento positivo na construção nacional”.<sup>9</sup>

A literatura brasileira, como sistema, nos anos 70 do século XIX, já estava plenamente configurada, e a formação dessa literatura, concluída, tendo como seu ponto de chegada o escritor Machado de Assis, que

se embebeu meticulosamente da obra dos predecessores. A sua linha evolutiva mostra o escritor altamente consciente, que compreendeu o que havia de certo, de definitivo, na orientação de Macedo para a descrição dos costumes, no realismo sadio e colorido de Manuel Antônio, na vocação analítica de José de Alencar. Ele pressupõe a existência de predecessores, e esta é uma das razões de sua grandeza. [...] Aplicou o seu gênio em assimilar, aprofundar, fecundar o legado

positivo das experiências anteriores [...]. Assim, se Swift, Pascal, Schopenhauer, Sterne, a Bíblia ou outras fontes que sejam, podem esclarecer sua visão do homem e a sua técnica, só a consciência de sua integração na continuidade da ficção romântica esclarece a natureza do seu romance.<sup>10</sup>

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) viveu no Rio de Janeiro e acompanhou as transformações ocorridas na cidade. Ele conviveu com várias classes sociais, uma vez que era neto de escravo alforriado e ascendeu gradualmente, tanto na carreira de funcionário público quanto na de escritor. Na carreira de funcionário público, Machado de Assis teve importantes cargos nos Ministérios da Agricultura e dos Transportes e, como escritor, aos 40 anos, já era conhecido como o principal ficcionista brasileiro.

A infância de Machado de Assis se deu num Rio de Janeiro que compreendia o Morro do Livramento e a região próxima do cais, ou seja, uma grande vila de ruas estreitas, nas quais circulavam negros carregando, em tinas nas cabeças, os dejetos das casas, os quais eram lançados ao mar. A iluminação era feita em lampiões de azeite de peixe, e os transportes, através de burros e cavalos. Machado de Assis foi testemunha do crescimento da cidade do Rio de Janeiro, vendo a chegada do bonde, da ferrovia, da iluminação elétrica, das avenidas, do telégrafo, da Bolsa de Valores, o surgimento dos carros e do cinema e sempre escrevendo sobre esses temas do cotidiano.

Machado de Assis foi um escritor de qualidades ímpares, sendo, ao mesmo tempo, cronista, contista e romancista. Escreveu crônicas sobre a vida fluminense, as óperas, as corridas, as eleições, entre outras coisas, e surpreendeu por seu estilo sutilmente irônico, que se tornou característico em suas obras. Suas crônicas, que continuam atuais, levantam profundas reflexões acerca de fatos corriqueiros, tocando na essência daquilo que observava. Nas obras de Machado de Assis, o que mais interessava não era o fato em si, e sim, a reflexão que esse provocava.

Dentre as inúmeras crônicas escritas por Machado de Assis, aqui estão evidenciadas as crônicas “Progresso”, “Bondes elétricos” e “Direito dos burros”.<sup>11</sup>

A crônica “Progresso”, escrita em 15 de março de 1877, trata da inauguração dos bondes de Santa Tereza, referindo-se a eles como “um sistema de alcatruzes ou de escadas de Jacó – uma imagem das coisas deste mundo”. Machado de Assis retrata a rapidez desse novo meio de

transporte e fala sobre o perigo que pode trazer caso saia dos trilhos. Além disso, ele, nessa crônica, mostra sua ironia ao retratar o olhar melancólico dos burros, que até então puxavam os bondes, ao verem a sua versão moderna, que os dispensava. Através da modernidade desses novos bondes, Santa Tereza deixava de lado a humilhação de ainda ter diligências, para entrar no mundo da moda, da modernidade. Machado de Assis ainda retrata, nessa crônica, que o novo bonde de Santa Tereza é ágil, que não tem tempo a perder com conversas ou brincadeiras e, no fim, diz que tem uma casa para alugar em Santa Tereza, o que pode evidenciar a sua não satisfação pela mudança tão drástica proporcionada pelos novos bondes, assim como pelas transformações ocorridas na sociedade, que busca sempre a rapidez e deixa de lado as questões da vida social, como também sua sutil marca irônica, pois o progresso propicia lucros.

Na crônica “Bondes elétricos”, escrita em 16 de outubro de 1892, o narrador de Machado de Assis fala sobre a inauguração dos bondes elétricos. Ele diz que não participou da inauguração desse novo meio de transporte e que o viu, pela primeira vez, quando viajava num bonde convencional. O narrador diz que o que mais lhe chamou a atenção no novo bonde foi o ar de superioridade demonstrado pelo cocheiro do bonde elétrico em relação aos ocupantes do bonde tradicional. Outro aspecto destacado pelo escritor nessa crônica foi uma conversa entre os burros que puxavam o bonde em que o narrador estava. Tal conversa teria sido identificada pela personagem devido ao fato de conhecer a língua dos burros. Nessa conversa, os burros fazem uma reflexão sobre o tratamento que recebem para puxar os bondes convencionais e sobre o abandono que os ameaça com a implantação efetiva do bonde elétrico, visto que, quando isso ocorrer por completo, os burros não mais servirão à Companhia e, assim, serão vendidos e passarão a puxar carroças, ou seja, os burros seriam “rebaixados de cargo”. Além disso, Machado de Assis mostra a reflexão acerca do abandono ao qual os burros passarão quando estiverem velhos e não mais servirem sequer para puxar as carroças, visto que, nesse momento, serão totalmente abandonados e condenados à morte. A ironia aqui também se faz presente, inclusive, quando Machado de Assis encerra essa crônica, pois se utiliza da fala de um burro que questiona a justiça no mundo em que vive.

Já a crônica “Direitos dos burros”, escrita em 10 de junho de 1894, fala sobre a maneira como os burros são tratados e a diferença de tratamento ou de condenação entre pessoas ricas e pobres. O escritor

mantém, através de seu narrador, um diálogo com um burro que lhe pede auxílio para conseguir que seja dado um melhor tratamento aos animais. O autor utiliza-se da fala de um burro para questionar o modo como os cocheiros os maltratam com chicotadas e pontapés, de rédea e de ferro. A crônica é encerrada após o diálogo entre o burro e o narrador, que promete lutar pela causa dos burros. Machado de Assis faz, por meio da imprensa escrita (jornal *Gazeta*), uma denúncia, a fim de promover uma conscientização de que é necessário dar um melhor tratamento aos animais, visto que esses são tão humanos ou até mais que os próprios homens e, também, por que muitos homens são postos na posição desses burros.

As crônicas escritas por Machado de Assis e aqui destacadas, além de mostrarem fatos representativos do cotidiano, são comprovadas por meio da obra *História do transporte urbano no Brasil*, escrita por Waldemar Corrêa Stiel<sup>12</sup> e publicada em parceria com a Empresa Brasileira de Transportes Urbanos. Essa obra retrata como ocorreu a evolução do transporte urbano no Brasil e, por meio dela, é possível conferir dados que Machado de Assis apresenta em suas crônicas, tornando-as dignas e fiéis representantes do viés histórico utilizado pelo autor. Além disso, com base nas datas apresentadas por Stiel, se comprova que as crônicas de Machado de Assis foram escritas no fervor dos acontecimentos, com a intenção de provocar questionamentos na sociedade que as lia, proporcionando, assim, uma reflexão acerca de tais acontecimentos.

Machado de Assis, como contista, pode ser destacado com o conto “Pai contra mãe”,<sup>13</sup> no qual o autor faz uma análise social da escravatura. Inicia essa narração provocando indagações e descrevendo os instrumentos de tortura utilizados contra os escravos, bem como os ofícios decorrentes dessa situação social.

O conto tem como personagem principal Candinho, um homem branco que tem dificuldade de adaptação aos trabalhos existentes à época e, assim, acaba se tornando um caçador de escravos fugitivos. Candinho, no decorrer da história, se casa com Clara, que acaba engravidando, apesar das péssimas condições financeiras do casal, e essa gravidez traz preocupação para Mônica, tia de Clara, que insiste para que Candinho encontre um trabalho fixo, a fim de sustentar a família que iria aumentar em breve. Apesar da insistência de tia Mônica, Candinho acreditava que poderia sustentar sua família caçando escravos. O tempo passa, e Clara dá à luz. A situação financeira do casal se torna cada vez mais insustentável, e tia Mônica insiste para que o casal entregue o filho na

*Roda dos Enjeitados*, situação que acaba sendo aceita por Clara e Candinho, já que não têm nem o que dar de comer ao filho. Na noite em que Candinho levava o filho à *Roda dos Enjeitados*, cruza com uma escrava fugitiva, que lhe renderia uma ótima gratificação se a capturasse. Candinho não hesita, deixa o filho aos cuidados de um farmacêutico conhecido e vai à captura da escrava, que implora a ele que não a leve de volta ao seu “senhor”, pois está grávida e, certamente, será açoitada. Candinho não se preocupa com a situação da escrava e a captura, levando-a para seu dono, que lhe paga a gratificação. Ao entregar a escrava, Candinho a vê abortando o filho que esperava, devido à resistência imposta à sua captura. No entanto, ele não se importa com a cena e se apressa em buscar o filho, voltando com ele e com a gratificação para casa.

Esse conto descreve uma das instituições mais marcantes da sociedade do século XIX: a escravidão. Apesar de muitos críticos da época terem dito que Machado de Assis não estava engajado com a abolição da escravatura, o conto mostra os dois lados sociais existentes à época: o dos excluídos, dos que contam com a boa vontade e o apoio para vencer, ou seja, os escravos negros, e os brancos livres. O conto é finalizado com uma frase dita por Candinho, que entre lágrimas, diz: – “*Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração*”<sup>14</sup> que retrata a realidade, ou seja, que apenas os brancos, mesmo em situação econômica difícil, contam com a proteção social, pois são livres, enquanto os escravos nem são considerados humanos.

Em relação ao contexto histórico, esse conto se abstém de qualquer necessidade de comprovação. O escravismo aí retratado, como é de amplo conhecimento, foi a forma de relação social de produção adotada no Brasil desde o período colonial até o fim do Império, principalmente, através da utilização de escravos trazidos do continente africano para atividades relacionadas à agricultura e à mineração, sendo assim essenciais para a manutenção da economia brasileira. Alguns escravos faziam vários tipos de serviço doméstico e/ou urbano. Quanto à *Roda dos Enjeitados*, também chamada Roda dos Expostos, segundo Freitas,<sup>14</sup> “foi uma das instituições brasileiras de mais longa vida, sobrevivendo aos três grandes regimes de nossa história”, ou seja, surgiu no período colonial, perpassou e multiplicou-se no período imperial, mantendo-se até a República.

Outra face de Machado de Assis se mostra no romancista, aqui evidenciado na obra *Dom Casmurro*,<sup>16</sup> que, mesmo sendo uma narrativa ficcional, traz alguns relatos históricos que retratam os costumes da época, ou seja, o período imperial, em especial, na cidade do Rio de Janeiro,

no qual o autor conta a história de Bentinho e Capitu. *Dom Casmurro* é um romance psicológico, narrado em primeira pessoa por Bentinho, que alimenta, até o fim da história, a dúvida sobre o adultério de Capitu, já que não existe nenhum fato que o comprove, permanecendo, assim, apenas como ato suspeito.

Essa obra de Machado de Assis também revela questões do cotidiano, como o costume do acolhimento de parentas viúvas ou solteironas. Em *Dom Casmurro*, é apresentada a personagem Justina, prima de Dona Glória, mãe de Bentinho. Ela, prima Justina, é agregada da família para que Dona Glória tivesse companhia, conforme destaca Bentinho: “Vivia conosco por favor de minha mãe, e por interesse; minha mãe queria ter uma senhora íntima ao pé de si, e antes parenta que estranha.”<sup>17</sup> Essa questão é comprovada historicamente por Azevedo,<sup>18</sup> quando explica que, na sociedade brasileira, a mulher que não se casava até os 25 anos, ou, no máximo, até os 30, estava destinada a depender da caridade, geralmente de uma irmã ou irmão casado, em cuja família se agregava, ocupando-se de serviços domésticos.

Na narrativa de Machado de Assis, também são nomeados vários locais da cidade do Rio de Janeiro que eram importantes para a época, como o Passeio Público, onde davam breves passeios; as igrejas, em especial, a igreja de Santo Antônio dos Pobres, que culminou com o episódio da vara do pálio; e a distinção das camadas sociais nesses eventos. Aqui a historicidade se faz presente no fato de a narrativa se passar na própria cidade do Rio de Janeiro, nessa época, já Capital da República, sendo, portanto, o palco dos principais eventos ocorridos no País.

Considerando as obras aqui analisadas, se observa que Machado de Assis foi um escritor de grande importância, tanto para a literatura quanto para a história brasileiras. Em suas obras, tanto no Império, quanto na República, ele retratou a sociedade urbana, que vivia o processo de modernização. Conforme Weber

Machado viveu em um período extremamente importante da vida brasileira, o da passagem do trabalho escravo ao trabalho formalmente livre, o da passagem da Monarquia à República. É um dos momentos decisivos da formação brasileira, com suas heranças de “longa duração”, a se refletirem na vida nacional ainda hoje, em termos de sua organização política e social, o país sempre enredado entre a modernização possível e o atraso a atravancar as relações políticas, sociais, pessoais, inclusive. Machado é essencial: ele não só vasculhou o perfil da classe dominante

escravista, como acompanhou o surgimento de novos agentes sociais que nasceram no bojo do escravismo e que carregam, hoje ainda, traços típicos da formação social brasileira anterior à “revolução burguesa”, inclusa. A errância de suas personagens, entre a loucura e o desprezo para com os “de baixo”, parece-me dado constitutivo da formação social brasileira. Para conhecer essa formação histórica em sua intimidade, nada melhor do que a leitura de Machado, um escritor, sob esse aspecto, atualíssimo.<sup>19</sup>

Para Coronel “a História é o horizonte maior da literatura de Machado de Assis, ainda que não se possa identificá-la com qualquer espécie de engajamento. Um cético dotado de um senso amargo das contradições do país, isso é o que ele era”.<sup>20</sup>

As obras de Machado de Assis enfocam a sociedade brasileira de seu tempo, tratando de temas dos contextos social e político, observando os costumes, a moral e as relações humanas. Suas obras também mostram as personagens no convívio social, circulando pelas ruas e praças da cidade do Rio de Janeiro, na época por elas representadas.

As obras machadianas ainda contribuíram para uma análise do comportamento humano, transcendendo os momentos em que foram produzidas, em especial, no que se refere às suas crônicas.

Outra questão bastante pertinente nos romances de Machado de Assis é o uso da memória, por meio da qual seus personagens trazem à tona suas histórias. Conforme Saraiva “nesse processo, Machado recorre a estratégias que alicerçam a verossimilhança dos romances e explora as características do gênero autobiográfico”.<sup>21</sup>

Enfim, usando as palavras de Saraiva sabe-se que

Machado recuperou a herança da literatura clássica. Negando-se a ignorar as contradições da sociedade brasileira e a adotar convenções estéticas que privilegiavam antes o verdadeiro do que o verossímil, o escritor procedeu à representação de dilemas humanos, situando-os, porém, em determinado contexto; igualmente, transferiu, para a interioridade de suas obras, a reflexão sobre as potencialidades expressivas do fazer literário, reflexão que inclui a dimensão múltipla e ilimitada da própria literatura. Ele estabeleceu, dessa forma, uma prática subversiva em relação à compreensão do momento histórico brasileiro e à tendência estética dominante, sem que, com isso, deixasse de ser um homem de seu tempo e de seu país.<sup>22</sup>

## Notas

---

- <sup>1</sup> SILVA, Cristiano Cezar Gomes da. Entre a história e a literatura: as múltiplas letras, os múltiplos tempos, os múltiplos olhares em Graciliano Ramos. *Revista de História e Estudos Culturais*, v. 4, p. 4, 2007.
- <sup>2</sup> SILVA, op. cit., p. 5.
- <sup>3</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy; LEENHARDT, Jacques (Org.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.
- <sup>4</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX e XX). *Revista Anos 90*, Porto Alegre, n. 4, p. 115, dez. 1995.
- <sup>5</sup> SARAIVA, Juracy Assmann. Machado expõe a dimensão da pluralidade e da universalidade humana. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, ed. 275, p. 33, 29 set. 2008.
- <sup>6</sup> CANDIDO, Antonio. *A formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 4. ed. São Paulo: M. Fontes, 1971. 2 v.
- <sup>7</sup> *Ibidem*, p. 23.
- <sup>8</sup> *Ibidem*, p. 26.
- <sup>9</sup> CANDIDO, op. cit., p. 25.
- <sup>10</sup> *Ibidem*, p. 117-118.
- <sup>11</sup> MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Fuga do hospício e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 1999.
- <sup>12</sup> STIEL, Waldemar Corrêa. *História do transporte urbano no Brasil*. Brasília: Pini, 1984.
- <sup>13</sup> MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. "Pai contra mãe". In: \_\_\_\_\_. *Contos*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 105.
- <sup>14</sup> "Pai contra mãe" (p. 105).
- <sup>15</sup> FREITAS, Marcos (Org.). *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997.
- <sup>16</sup> MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Dom Casmurro*. São Paulo: Klick, 1997.
- <sup>17</sup> *Dom Casmurro* (p. 72).
- <sup>18</sup> AZEVEDO, Thales. *As regras do namoro à antiga*. São Paulo: Ática, 1986.
- <sup>19</sup> WEBER, João Ernesto. Machado e Guimarães Rosa: dois modos de ver o Brasil. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, ed. 275, p. 8, 29 set. 2008.
- <sup>20</sup> CORONEL, Luciana. O olhar machadiano sobre o Brasil. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, ed. 275, p. 14, 29 set. 2008.
- <sup>21</sup> SARAIVA, op. cit., p. 34.
- <sup>22</sup> *Idem*.

## Referências

---

- AZEVEDO, Thales. *As regras do namoro à antiga*. São Paulo: Ática, 1986.
- CANDIDO, A. *A formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 4. ed. São Paulo: M. Fontes, 1971. 2 v.
- CORONEL, Luciana. O olhar machadiano sobre o Brasil. *Revista IHU Online – Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, ed. 275, p. 14, 29 set. 2008.
- FREITAS, Marcos (Org.). *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Fuga do hospício e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 1999.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Dom Casmurro*. São Paulo: Klick, 1997.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Pai contra mãe. In: \_\_\_\_\_. *Contos*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 105.
- ESAVENTO, Sandra Jatagy; LEENHARDT, Jacques (Org.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.
- PESAVENTO, Sandra Jatagy. Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX e XX). *Revista Anos 90*, Porto Alegre, n. 4, p. 115-127, dez. 1995.
- SARAIVA, Juracy Assmann. Machado expõe a dimensão da pluralidade e da universalidade humana. *Revista IHU Online – Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, ed. 275, p. 33, 29 set. 2008.
- SILVA, Cristiano Cezar Gomes da. Entre a história e a literatura: as múltiplas letras, os múltiplos tempos, os múltiplos olhares em Graciliano Ramos. *Revista de História e Estudos Culturais*, v. 4, 2007.
- STIEL, Waldemar Corrêa. *História do transporte urbano no Brasil*. Brasília: Pini, 1984.
- WEBER, João Ernesto. Machado e Guimarães Rosa: dois modos de ver o Brasil. *Revista IHU Online – Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, ed. 275, 29 set. 2008.

### Sites consultados

<<http://www.revistafenix.pro.br> htm>.  
Acesso em: 13 out. 2008.

Recebido em 13 de abril de 2009 e aprovado em 22 de junho de 2009.